

Volume II

Quarta Parte - 5

Como um sonho que parece realidade e não se perde um detalhe

Acordei no meu pequeno quarto de hotel e vi toda a mobília, meu chapéu e minhas roupas à luz de uma lâmpada vindo do lado de fora, e ouvi o tique-taque do relógio que estava na moldura superior da lareira – o relógio da lareira -, o roncar de um carrinho e um chicotear na rua e, no entanto, pude perceber que não estava nem um pouco mais acordado do que estava há um minuto atrás, na minha estranha visão – nem tanto!

Eu ouvi meu relógio marcando seu pequeno tique-taque próximo ao relógio da lareira, como um pônei trotando igual a um cavalo grande. O relógio bateu doze horas, levantei e olhei para ele com a ajuda da claridade da rua com iluminação a gás; e marcava o mesmo horário. Meu sonho durou uma hora – eu tinha me recolhido às dez e meia da noite.

Tentei recordar de tudo, e o fiz nos menores detalhes – tudo, exceto a música que o órgão tocou e a letra da música; eles estavam na ponta da minha língua e se recusaram a irem mais longe; novamente me levantei e caminhei pela sala, e percebi que tudo aquilo não tinha sido um sonho; foi mais “lembrável” do que todas as minhas verdadeiras aventuras do dia anterior. Cessou de ser um sonho, e se tornou realidade desde o momento em que toquei a mão da duquesa pela primeira vez até o momento que beijei a mão da minha mãe, e ficou desfocado. Foi uma experiência inteiramente nova e completamente desconcertante pela qual passei.

Em um sonho sempre há interrupções, inconsistências, lapsos, incoerências, descontinuidades, muitos elos faltando na cadeia; somente em alguns momentos a impressão é vívida o suficiente para se lembrar, posteriormente, quando na consciência de vigília, e mesmo assim nunca é tão vívida como a impressão da vida real, embora parecesse assim no sonho: ao acordar consegue-se lembrar, mas logo desaparece e, então, fica apenas a lembrança daquilo que se lembra.

Não havia nada disso no meu sonho.

Era algo como a “câmera-obscura”¹ no píer de Ramsgate²: alguém entra e se encontra na escuridão total; o olho está preparado; se está completamente esperançoso e bem acordado.

De repente, brilha como um flash, diante da visão, a imagem em movimento do porto e de toda a vida que há nele, e as casas e mais longe as falésias; e ainda mais além as colinas verdes, as nuvens brancas e o céu azul.

Pequenas ondas verdes seguíam uma e outra até o porto, quebrando em uma espuma branca e nítida. As gaivotas pairam, pulam e mergulham atrás de mastros, cordas e polias; acessórios de latão brilhante no passadiço e bússola brilham no sol sem ofuscar os olhos; os alegres Liliputianos andam e falam, com os dentes brancos, não maiores do que a ponta de um alfinete, brilhando na gargalhada, sem nenhum som; um barco a vapor carregado de excursionistas chega, seus remos agitando a água e você não podendo ouvi-los. Não se perde um detalhe – nem um botão da jaqueta de marinheiro, nem um fio de cabelo no rosto. Toda a luz e a cor do mar, a terra e o céu, que é visto por muitos quilômetros, estão aqui concentradas a poucos metros quadrados. E que cor é essa! O desespero de um pintor! É a própria luz, mais bonita do que aquela que flui através dos antigos vitrais da igreja. E tudo é enquadrado na escuridão total, para que as pupilas sejam totalmente dilatadas e possam ver o máximo possível. Parece que tudo foi pintado em tamanho real e depois encolheu como uma imagem japonesa em crepe, até um milionésimo de seu tamanho natural, para intensificar e suavizar o efeito.

¹ N.T.: Câmera escura é um tipo de aparelho óptico baseado no princípio de mesmo nome, o qual esteve na base da invenção da fotografia no início do século XIX. A câmera escura consiste numa caixa (que pode ter alguns centímetros ou atingir as dimensões de uma sala) com um orifício em uma de suas faces. A luz, refletida por algum objeto externo, entra por este orifício, atravessa a caixa e atinge a superfície interna oposta, onde se forma uma imagem invertida (enantiomorfa) daquele objeto.

² N.T.: uma pequena cidade costeira do distrito de Thanet, condado de Kent, Inglaterra. Com uma população de aproximadamente 40 mil habitantes, sua economia gira em torno principalmente do turismo e da indústria pesqueira. A cidade tem uma das maiores marinas da costa sul inglesa.